

# A Ciência do Ódio

MATTHEW WILLIAMS

# A Ciência do Ódio

**Como o preconceito se transforma em ódio  
e o que podemos fazer para travá-lo**

TRADUÇÃO

Bruno Vieira Amaral

CONTRAPONTO.

# 1. O SIGNIFICADO DO ÓDIO

## SRINIVAS E ALOK

Em 2017, numa noite quente atípica de fevereiro em Olathe, no Kansas, Srinivas Kuchibhotla e o seu amigo Alok Madasani resolveram acabar o seu dia de trabalho na empresa de GPS Garmin e sair para beber uma cerveja fresquinha. Tinham trazido as suas famílias da Índia para o Estado do Girassol nos primeiros anos do século em busca de uma nova vida. A comunidade de Olathe, com os seus 135 mil habitantes, tinha-os recebido com simpatia, e o Austins Sports Bar and Grill no centro comercial, o típico estabelecimento americano onde se serve cerveja e bons hambúrgueres, tornara-se o seu lugar de eleição.

No Austins, os grandes ecrãs de televisão transmitiam o jogo de basquetebol entre a University of Kansas e a Texas Christian University para uma multidão de clientes. Srinivas e Alok sentaram-se numa mesa no pátio exterior, aproveitando o calor fora de época de 26°C. Enquanto bebiam as cervejas, repassaram o dia de trabalho e depois começaram a falar sobre filmes de Bollywood e o facto de Alok estar prestes a ser pai.

A meio da conversa, Alok reparou que um homem com uma *t-shirt* com emblemas do tipo militar e fita na cabeça se levantou da sua mesa e foi ter com eles. Pelo olhar do homem, Alok desconfiou logo que algo não batia certo. Apontando-lhes o dedo, Adam Purinton perguntou-lhes: «De que país é que são? São ilegais?»

Alok permaneceu em silêncio, a pensar que o tom ameaçador das perguntas do agressor era um prenúncio de violência. Srinivas respondeu com toda a calma: «Estamos legalizados. Temos o visto H1-B.<sup>NT</sup> Somos da Índia.»

Purinton ripostou: «Nós é que pagamos os vossos vistos para andarem aqui. Ponham-se a andar daqui para fora! Não são de cá!... Monhés!» De seguida, espetou o dedo no peito de Srinivas, gritando: «Terrorista!»

Alok foi a correr chamar o gerente, mas ao voltar viu que dois dos clientes, um deles um homem chamado Ian Grillot, estavam a defendê-los e a insistir com Purinton para que ele se fosse embora.

Passado um bocado, Purinton regressou, desta vez com uma *t-shirt* diferente e um lenço a cobrir-lhe o rosto. Enquanto gritava «Saíam do meu país!», sacou de uma pistola automática e disparou sobre os dois homens. Srinivas foi a vítima principal, com quatro tiros no peito. Alok levou um tiro na perna e caiu no chão. Só conseguia pensar no filho que estava para nascer e em como tinha de sobreviver.<sup>1</sup>

Ian, o cliente que pouco antes os tinha defendido, contou os disparos escondido debaixo de uma mesa. Ao contar nove, levantou-se e foi atrás do terrorista que se preparava para fugir do local. Só que não tinha contado bem. Ainda havia mais uma bala no carregador. Purinton virou-se e descarregou a arma, atingindo Ian na mão e no peito.

Enquanto os clientes desesperados prestavam os primeiros socorros aos dois homens indianos, a mulher de Srinivas, Sunayana, estava a ligar-lhe de casa. Queria saber a que horas ele ia chegar a casa, na esperança de que pudessem beber um chá no jardim e ver o pôr do sol. Vendo que ele não atendia, começou a navegar pelo Facebook até se deparar com uma notícia que dizia: «Disparos no Austins Bar and Grill.» Temeu o pior.

---

<sup>NT</sup> Visto que permite às empresas norte-americanas a contratação temporária de trabalhadores estrangeiros para empregos especializados.

Alok e Ian sobreviveram ao ataque. Srinivas morreu na sequência dos ferimentos provocados pelos múltiplos disparos.

A polícia disse a Sunayana que a morte do marido tinha sido premeditada. O marido tinha sido morto por ser quem era, por causa da sua cor de pele. Sunayana tinha a esperança de que o ataque tivesse sido aleatório, a exemplo dos outros tiroteios nos Estados Unidos que se habituara a ver nas notícias. Saber que o marido e o amigo dele tinham sido escolhidos por causa da nacionalidade e da raça só aumentou o seu sofrimento. Não conseguia entender o motivo que levou Purinton a matar o seu marido. O que é que o tinha magoado a ponto de cometer este ato impensável? De que é que tinha medo? De onde vinha tanta raiva? Será que matar Srinivas tinha aliviado a dor dele?

Enquanto Alok e Ian recuperavam dos ferimentos, foram contactados por jornalistas de todo o mundo para contarem as suas versões do acontecimento. Numa das entrevistas, Alok disse: «Claro que tenho medo. Quero que as pessoas saibam que isto foi puro ódio.»

Com os olhos marejados, Ian falou a partir da cama do hospital: «Fiz o que qualquer pessoa devia fazer por outro ser humano. Não interessa de onde é que ele é ou a etnia. Somos todos humanos.»<sup>2</sup>

Dias depois, numa conferência de imprensa, Sunayana declarou: «Andava sempre preocupada. Será que ficar nos Estados Unidos era a melhor opção? [...] O que é que o Governo vai fazer para acabar com estes crimes de ódio? O meu marido haveria de querer que se fizesse justiça. Precisamos de respostas.» Ela tinha sabido de outros crimes de ódio um pouco por todo o país desde a eleição de Donald Trump em 2016. Pouco tempo após o ataque, Sunayana disse a um jornalista: «Seguimos estas últimas eleições com muita atenção. Estava muito preocupada. Nem conseguia dormir.»<sup>3</sup> Lembrava-se de ter perguntado ao marido: «Srinivas, estamos seguros aqui neste país? Estou tão preocupada.»<sup>4</sup>

Depois de fugir do local, Purinton percorreu 112 quilómetros até Clinton, no Missouri, onde confessou o crime ao empregado de um restaurante. Após ser detido pela polícia, foi acusado de homicídio

qualificado e homicídio involuntário, mas não foi acusado de nenhum crime de ódio, visto que o Código Penal do Kansas não o prevê.<sup>\*5</sup> Só se fosse acusado a nível federal é que Purinton seria acusado de um crime de ódio. Ele reconheceu que a motivação para o ataque tinha sido a raça das vítimas. Duas semanas antes dos disparos, tinha visto Srinivas e Alok sentados à mesa habitual e tinha dito ao empregado: «Já viste os terroristas ali fora?» Purinton declarou-se culpado de todas as acusações e foi condenado a três penas de prisão perpétua consecutivas sem possibilidade de liberdade condicional.<sup>6</sup>

Com a imprensa norte-americana e indiana a exigirem uma declaração, seis dias após o homicídio, o presidente Trump condenou perante o Congresso «o ódio e o mal em todas as suas formas horríveis».<sup>7</sup> O funeral de Srinivas, realizado na cidade indiana de Hiderabade, foi transmitido na Internet e nos noticiários da Índia. Ouviam-se os gritos das pessoas que acompanharam o funeral: «Abaixo Trump! Abaixo o racismo! Abaixo o ódio!»<sup>8</sup>

Um ano depois do homicídio de Srinivas, Sunayana criou a Forever Welcome, uma instituição sem fins lucrativos de auxílio aos imigrantes e dedicada ao combate aos crimes de ódio nos Estados Unidos.

O que terá levado Purinton a matar naquele dia? O trabalho de um criminologista é o de dar resposta a questões como esta. Pegar nas histórias dos agressores e das vítimas de ódio e compreendê-las usando o melhor da ciência. A criminologia enquanto área do conhecimento surgiu para responder ao problema do crime. Como tal,

---

\* No momento em que escrevo, os crimes de ódio ainda não são reconhecidos pela lei do Kansas. Contudo, existem alíneas que permitem ao juiz impor uma pena mais severa se o crime tiver sido motivado, mesmo que em parte, pela raça, cor, religião, etnia, nacionalidade ou orientação sexual da vítima. Contudo, Purinton foi acusado de crime de ódio a nível federal. A lei Matthew Shepard e James Byrd Jr. para a Prevenção de Crimes de Ódio, aprovada em 2009 pelo presidente Barack Obama, tornou as ofensas corporais, ou a tentativa de ofensas corporais com arma perigosa, devido à raça, cor, religião, nacionalidade, género, orientação sexual, identidade de género ou deficiência, reais ou perçecionadas, num crime federal. Alargou também a lei federal dos crimes de ódio de 1969 dos Estados Unidos para lá da raça, cor, religião e nacionalidade.

foca-se em fundamentar as políticas do Estado e procura responder a uma magna questão: por que razão as pessoas cometem crimes? Há um conjunto subjacente de outras questões que moldam as investigações dos criminologistas que estudam o tema do ódio: o que é o ódio, e será que é útil para ajudar a determinar a motivação? Haverá muitos crimes de ódio? Quais as consequências de crimes que têm como alvo aquilo que somos? Como é que podemos travar o ódio? Através dos nomes e das histórias de indivíduos e criminosos, neste capítulo procuramos responder à primeira destas questões.

### O QUE SIGNIFICA «ODIAR»?

Na sua juventude, Adam Purinton tirou o brevet de piloto na marinha, foi durante algum tempo controlador de tráfego aéreo e desempenhou tarefas especializadas numa empresa de informática. Depois, sofreu uma série de perdas que lhe mudaram a vida. O seu pai morreu de cancro apenas dezoito meses antes de matar Srinivas. Isso levou-o ao abuso de álcool e a perder o emprego. Ainda conseguiu arranjar empregos pouco qualificados, incluindo a lavar pratos numa cadeia de restaurantes de *fast-food*. Esta combinação tóxica de perdas pessoais, fracasso e frustração pode ter influenciado a decisão que Purinton tomou de matar alguém naquele dia, mas não explica tudo. É possível que a retórica xenófoba de Trump e a decisão deste de proibir a entrada de muçulmanos nos Estados Unidos tomada naquele mês o tenham influenciado – será que Purinton acreditava no que lhe diziam, que a culpa dos seus fracassos não era dele e podia ser assacada aos imigrantes? É possível, mas não o sabemos. Mesmo que acreditasse, continuariam a faltar algumas peças ao quebra-cabeças. Nem todos os norte-americanos que perderam alguém e acreditam em mensagens políticas sectárias se tornam violentos. Então, o que terá levado Purinton a matar naquele dia?

Muito do que sabemos a nível criminológico sobre o ódio deriva do estudo do preconceito. Os preconceitos alimentam-se

de estereótipos, características atribuídas a uma pessoa ou a um grupo com base em categorias e generalizações grosseiras. Os preconceitos formam-se quando o nosso comportamento e as nossas ideias sobre os outros são moldados pelas nossas percepções em relação ao grupo a que pertencem. Por essa razão, os preconceitos concentram-se naquilo a que os psicólogos chamam exogrupo («eles») e endogrupo («nós»).

Quando concentrados no endogrupo, os preconceitos estão geralmente associados a estereótipos, categorias e sentimentos positivos: quem é como «nós» é associado a ideias de competência e confiança e gera reações de cordialidade e compaixão. Sem outros fatores, esta nossa preferência intrínseca e muitas vezes inconsciente por pessoas como «nós» pode resultar na discriminação dos outros se nada fizermos para a contrariar. As posturas e os sentimentos positivos aumentam a probabilidade de sermos mais simpáticos para «nós» do que para «eles», e isso determina quem beneficiará do nosso tempo, simpatia, dinheiro e recursos.

Quando os preconceitos se centram no exogrupo, tendem a associar-se a estereótipos e sentimentos negativos. Purinton achava que Srinivas e Alok estavam a consumir os recursos dos Estados Unidos («São ilegais?») e representavam uma potencial ameaça («Já viste os terroristas ali fora?»): posturas e pensamentos preconceituosos baseados em estereótipos sem fundamento que geram emoções negativas.

Mas não seria correto afirmar que Purinton tinha *apenas* um preconceito contra o exogrupo das suas vítimas. Todos nós temos preconceitos, mas não andamos por aí a cometer crimes de ódio. Quando uma pessoa atinge ou mata alguém por pertencer a um determinado grupo, é porque já passou do preconceito para uma coisa diferente. O «ódio» é a palavra normalmente usada para descrever esse estado, mas o que significa, e será que é um termo útil para compreendermos integralmente o motivo?

Para pessoas diferentes em diferentes contextos, o ódio tem significados distintos e é uma palavra demasiado usada e até abusada com



intuítos políticos. Se partirmos do uso coloquial da palavra, estamos sempre a ouvir falar em «ódio». Numa daquelas discussões à hora da refeição com o meu sobrinho, ele geralmente diz «Odeio verduras!», e o meu vizinho, enquanto estávamos na cavaqueira, rematou com um «Odeio mesmo aquele presidente!» Os dois entendem que há algo tão intrinsecamente errado nas verduras e no presidente que não conseguem imaginar-se a gostar deles. Põem-nos de lado.

Mas ódio talvez seja uma palavra demasiada forte para descrever o que sentem. O meu sobrinho não aprecia o sabor das verduras, e talvez até sinta alguma repugnância quando tem de as comer. O meu vizinho despreza o presidente e é capaz de se irritar muito com o que ele faz. São emoções negativas acentuadas, mas não podem ser consideradas ódio. É provável que com o tempo essas emoções se atenuem, quando os gostos do meu sobrinho mudarem com a idade e o meu vizinho vir o presidente a deixar o cargo.

Apesar do uso que dela fazemos nas conversas do dia a dia, a experiência do ódio está fora do domínio do banal e corriqueiro. Quando ouvimos alguém dizer que odeia mesmo outra pessoa (aquilo a que se chama ódio interpessoal), é muito provável que a situação que a levou a esse estado de espírito implique um comportamento que a tenha afetado diretamente. Os filhos odeiam o pai que abusou deles, o marido odeia a mulher que o traiu, o prisioneiro odeia o seu captor. Mas mesmo nestas circunstâncias profundamente pessoais, é possível que este estado de espírito se altere com o tempo e que se trate na verdade de uma profunda aversão, desprezo ou repulsa.

O ódio enquanto tema de estudo científico é um termo geralmente reservado para o desejo de eliminar um grupo inteiro por causa de um choque, real ou imaginado, entre mundividências (chamado ódio intergrupar). Um indivíduo pode mesmo assim ser o alvo do ódio, mas apenas por estar associado a um exogrupo. Srinivas e Alok foram alvo do ódio de Purinton não por algo que lhe tivessem feito, mas por ele os identificar com um grupo que acreditava ser responsável por tudo o que estava mal no país e, provavelmente, na sua vida.

Este tipo de ódio vai além das emoções negativas de raiva, desprezo, aversão e outras que tais (embora essas emoções possam coexistir com o ódio – o que veremos mais à frente neste capítulo).<sup>9</sup> Sentimos as emoções quando somos estimulados pela informação que flui através dos sentidos, das recordações, dos pensamentos e dos químicos que percorrem o nosso cérebro. Para a maioria das pessoas, essas emoções são passageiras, tão efémeras que é possível acordarmos maldispostos por termos dormido com os pés destapados e à hora do almoço já estarmos cheios de energia, depois de bebermos uns cafés mexidos com um pauzinho de canela. Já o ódio, sobretudo na sua forma intergrupala, é mais resistente, duradouro e desgastante. É esta forma de ódio que abordo neste livro.

## A Pirâmide do Ódio

Nos anos 40 do século xx, uma década em que numa Europa ocupada pelos alemães se assistiu ao maior genocídio da era moderna e no estado da Geórgia ocorreu o linchamento múltiplo de Moore's Ford<sup>NT</sup>, Gordon Allport, um psicólogo de Harvard, não conseguia pensar em mais nada a não ser no preconceito e no ódio. Estes e outros acontecimentos terríveis que tiveram lugar na primeira metade do século xx impeliram Allport a estudar os alicerces dos preconceitos humanos e as contendidas de ódio que daí poderiam advir.<sup>10</sup> O livro que publicou em 1954, *The Nature of Prejudice*, acabaria por influenciar os estudos sobre o tema realizados nos cinquenta anos seguintes.

Para Allport, o preconceito era uma forma de antipatia dirigida a um grupo inteiro. Nos seus trabalhos, deu exemplos geralmente relacionados com atitudes negativas dirigidas a grupos étnicos e religiosos, nomeadamente os judeus e os negros. Na sua opinião,

---

<sup>NT</sup> Os linchamentos de Moore's Ford ocorreram a 25 de julho de 1946, no estado norte-americano da Geórgia, quando um grupo de homens brancos assassinou dois casais afro-americanos, depois de o homem de um dos casais ter sido acusado de esfaquear um branco. Dizia-se que os crimes tinham sido cometidos na ponte de Moore's Ford, donde o nome.

uma pessoa preconceituosa era alguém que via de forma negativa um grupo inteiro e não apenas determinados indivíduos pertencentes ao grupo. Ao escolher este ponto de vista, excluiu outras formas de preconceito, como por exemplo o sexismo (em que se pode assumir uma postura em geral favorável às mulheres que, ainda assim, resulta num tipo de discriminação atualmente reconhecido pelos estudos contemporâneos sobre o preconceito e denominado «paternalismo benevolente»).

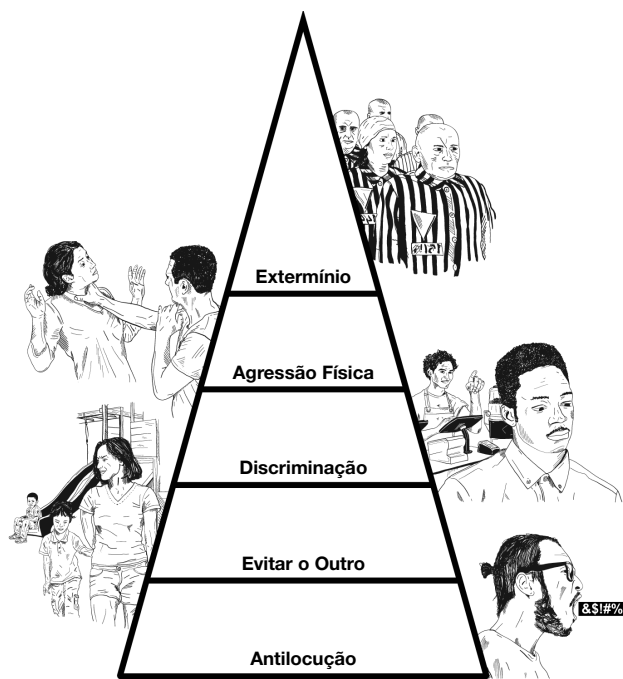


Fig. 1 – A Pirâmide do Ódio  
(adaptada de *The Nature of Prejudice*, de G. W. Allport, 1954).

Com base na sua definição inicial – atitudes negativas em relação a um grupo inteiro –, Allport propôs uma escala a fim de demonstrar que os preconceitos não são todos iguais (ver Figura 1). Numa primeira fase, denominada *Antilocução*, o discurso de ódio, desde piadas a insultos claros contra o exogrupo, é cada vez mais utilizado por setores do endogrupo. Nesta fase, o discurso de ódio aumenta e diminui em função do estado das

relações sociais e da ocorrência de acontecimentos fraturantes, tal como é hoje claramente visível nas plataformas das redes sociais.

Na segunda fase, *Evitar o Outro*, assistimos à separação entre o endogrupo e o exogrupo. Isto pode ir do endogrupo evitar «organicamente» a frequência de determinados estabelecimentos ou zonas de uma cidade ou lugar porque sabe serem frequentados pelo exogrupo ao Estado a forçar a segregação nas suas instituições, tais como escolas, transportes públicos e habitação social.

Na terceira fase, *Discriminação*, o exogrupo vê negado o acesso a oportunidades, bens e serviços, impedindo a sua progressão social. O exogrupo é impedido de obter um determinado nível de escolaridade, de aceder a empregos em determinadas áreas, de receber os melhores cuidados de saúde e de usufruir da mesma proteção perante a lei.<sup>11</sup>

A era de Jim Crow no Sul dos Estados Unidos, desde o final do século XIX até à década de 1960, é um bom exemplo desta terceira fase. Muitos dos que detinham o poder, incluindo personalidades religiosas, políticos, empresários e académicos, asseguraram-se de que a crença de que os afro-americanos eram inferiores em todos os aspetos à população branca se entranhava nas relações sociais, criando um sistema racial de castas que permitiu a subjugação e a violência contra a população negra.\*

---

\* A ideia de que a raça é biológica e hierárquica já foi desmentida pela ciência. A raça e a etnia são construções sociais utilizadas para dividir os seres humanos em grupos. A raça refere-se geralmente a características físicas, tal como a cor da pele, enquanto a etnia se refere geralmente a características culturais, tais como a religião e a língua. Os termos são, por vezes, utilizados como se quisessem dizer o mesmo, mas quer o significado quer a utilização são muitas vezes confusos e polémicos. Por exemplo, a maioria dos académicos defende que não é adequado falar-se de raça em termos de diferenças genéticas porque a ascendência de todas as pessoas no planeta remonta a um mesmo núcleo de antepassados comuns. Isto explica que, em média, as diferenças genéticas entre categorias raciais socialmente construídas são habitualmente muito pequenas. As variações humanas são reais, mas não coincidem absolutamente com as conceções convencionais e quotidianas de raça. A maior parte da investigação académica e da legislação usa o termo «raça» para se referir a grupos dentro de uma determinada população que apresentam diferenças físicas no que respeita à cor da pele. Embora seja uma prática corrente e generalizada, não é científica e é um resquício da expansão colonial europeia e do estabelecimento de impérios. Contudo, isto não significa que a raça enquanto categoria social não seja relevante, visto que, através

Atualmente, muitos governos continuam a discriminar parte das suas populações, incluindo pelo menos 68 países (no momento em que escrevo) que criminalizam as relações entre pessoas do mesmo sexo, vigorando em alguns deles a pena de morte para as pessoas que sejam apanhadas a fazê-lo.<sup>12</sup>

A fase de *Discriminação* é também acompanhada de formas subtis de agressão. Usando o privilégio do exercício do poder sobre o exogrupo, o grupo dominante comete frequentemente *microagressões* verbais e comportamentais.<sup>†</sup> Nisto incluem-se *microataques* explícitos que têm como alvo a identidade do exogrupo.

A quarta fase, *Agressão Física*, é a passagem consciente dos comportamentos detetados nas fases anteriores à agressão declarada. Pode acontecer que a violência física não seja tolerada pela lei do país ou do Estado em questão, mas é provável que as autoridades fechem os olhos a essas ocorrências. Em determinadas situações, é mesmo possível que a violência seja perpetrada de forma ilegal por autoridades como a polícia.

Nos Estados Unidos, em meados do século passado, predominavam as agressões físicas contra negros e cidadãos LGBTQ+ cometidas por elementos da comunidade e da polícia, e hoje em dia ainda ocorrem (o ataque de Purinton incluir-se-ia nesta fase;

---

da interação de humanos classificados de acordo com a raça, ganhou significado. Neste livro, uso o termo «raça» no sentido em que é usado na legislação e em trabalhos de investigação, mas não defendo o seu uso num contexto científico em que se pretenda atribuir diferenças intrínsecas entre povos.

<sup>†</sup> O termo «microagressão» descreve palavras e/ou comportamentos que resultam na discriminação não intencional contra um exogrupo. Além dos microataques, as microagressões podem incluir igualmente microinsultos: palavras, conversas ou ações (muitas vezes inconscientes) que são rudes e insensíveis, mas que não são explícitas (por exemplo, perguntar a uma pessoa com deficiência como é que conseguiu um emprego no lugar de uma pessoa sem deficiência), e microinvalidações: palavras, conversas ou ações que excluem em função da identidade (por exemplo, perguntar a uma pessoa de ascendência asiática que tenha nascido no Reino Unido de onde é que ela é, ou uma pessoa branca dizer a uma pessoa negra «eu não ligo à cor», negando a importância da sua identidade e das suas tradições.) São situações frequentes na fase 1, a da Antilocução. D. W. Sue, «Racial Microaggressions in Everyday Life: Implications for Clinical Practice», *American Psychologist* 62 (2007), 271-86.

veja-se igualmente o caso de Frank Jude Jr. mais à frente neste capítulo). Comportamentos semelhantes continuam a verificar-se um pouco por todo o mundo atualmente, incluindo agressões físicas hediondas a homens e mulheres homossexuais na Rússia por membros da comunidade e agentes da autoridade.<sup>13</sup>

Na quinta e derradeira fase, *Extermínio*, a violência letal contra o exogrupo torna-se desejável e, em certos casos, legal.<sup>14</sup> O Holocausto é o exemplo principal desta fase, embora os genocídios não estejam consignados ao passado. Desde 2016, estima-se que, em Myanmar, 24 800 muçulmanos Rohingya tenham sido eliminados pela maioria budista e que, ao todo, 700 mil pessoas tenham sido obrigadas a fugir do país.<sup>15</sup> Este e outros genocídios recentes na Bósnia e Herzegovina (1992-95), no Ruanda (1994) e no Darfur (2003 –) lembram-nos o que pode acontecer quando uma sociedade tolera o crescimento do ódio.

### **O fator *push/pull***

Qualquer escala de medição do ódio é imperfeita. Destilar o pior da natureza humana para abranger todas as circunstâncias não é tarefa fácil. Aquilo que o trabalho de Allport mostra é que quando o preconceito é fraco ou moderado (até à segunda fase), o endogrupo pode *evitar* o contacto com o exogrupo, enquanto as formas mais radicais de preconceito que podem resvalar para o ódio (da fase 4 para cima) podem levar o endogrupo a *perseguir* o exogrupo, com o objetivo de o atacar e exterminar. Portanto, uma das diferenças cruciais entre preconceito e ódio pode residir neste fator *push/pull*. O fator *push* pode resultar de pensamentos negativos quando na presença do exogrupo: desconforto, incerteza e ansiedade provocados pelo desconhecimento de quem são «eles» ou pelo receio de ofender ou de parecer preconceituoso.<sup>16</sup> O fator *pull* pode resultar de um desejo ou necessidade de agir contra o exogrupo, dar vazão a frustrações, eliminar uma suposta ameaça ou «corrigir» comportamentos.